

O Programa Mais Educação e a crítica da mídia: desafios e potencialidades

Ricardo Fiegenbaum

Professor do Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas. Doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos).

E-mail: ricardozi@gmail.com

Eduarda Schneider Lemes

Mestranda no PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos).

E-mail: eduarda.lemes@hotmail.com

Resumo: O artigo resulta de uma pesquisa sobre oficinas de Jornal Escolar, do Programa Mais Educação do MEC, desenvolvidas numa escola pública em Pelotas (RS). O programa oferece atividades em turno inverso em dez macrocampos, entre eles o de Comunicação e Uso de Mídias. O macrocampo envolve projetos de comunicação para estimular a leitura crítica dos meios pela apropriação, pelos alunos, das técnicas de produção, mobilizando o conceito de Educomunicação. As oficinas seriam dispositivos interacionais, potencialmente críticos, que configuram um sistema de interação social sobre a mídia, recolocando o tema da Leitura Crítica da Comunicação no âmbito da circulação midiática numa sociedade em midiaticização. Buscou-se investigar esse processo e as suas potencialidades na relação entre Comunicação e Educação.

Palavras-chave: sistema de interação social; educomunicação; leitura crítica; Mais Educação; jornal escolar.

Abstract: This paper is a result from a survey about School Newspapers workshops, from the program "Mais Educação" of Ministry of Education, developed in a public school in Pelotas (RS). The program offers activities in extra time in ten macrofields, including Communication and Media Usage. This macrofield involves communication projects to stimulate critical reading of media through the appropriation by students of production techniques, mobilizing the concept of Educommunication. The workshops would be interactional devices, potentially critical, that create a social interaction system about the media, placing the issue of Critical Reading of Communication in the framework of media circulation in a society with high media coverage. We sought to investigate this process and its potential in the relationship between Communication and Education.

Keywords: social interaction system; educommunication; critical reading; Mais Educação; school newspaper.

Recebido: 02/02/2016

Aprovado: 10/03/2016

1. INTRODUÇÃO

A escola vem tendo seu papel fragmentado e, ao mesmo tempo, ampliado. Hoje, devido a uma série de fatores que incluem as transformações sociais e tecnológicas ocasionadas pelos avanços da globalização, o repositório de conhecimento já não está apenas na escola. Os meios de comunicação dividem esse papel. Ampliou-se, portanto, o papel da escola que, se tem como propósito formar cidadãos na sua integralidade por meio das políticas de Educação Integral, propostas pelo governo brasileiro, precisa atender às demandas atuais, que são complexas e atravessadas por questões estruturais e culturais.

Por isso, a Educação Integral necessita de uma articulação intersetorial de atores, instituições e políticas públicas, conforme o próprio Ministério da Educação propõe:

A educação integral exige mais do que compromissos: impõe também e principalmente projeto pedagógico, formação de seus agentes, infraestrutura e meios para sua implantação. Ela será o resultado dessas condições de partida e daquilo que for criado e construído em cada escola, em cada rede de ensino, com a participação dos educadores, educandos e das comunidades que podem e devem contribuir para ampliar os tempos e os espaços de formação de nossas crianças, adolescentes e jovens na perspectiva de que o acesso à educação pública seja complementado pelos processos de permanência e aprendizagem¹.

O Programa Mais Educação nasce do reconhecimento da Educação Integral como política pública e de que cabe à escola a responsabilidade sobre a educação enquanto ação formativa². O êxito do processo formativo seria assim potencializado e qualificado com a integração da escola a outras instâncias da sociedade. Por isso, o programa assume a proposta de educação que considera o sujeito na sua integralidade e pretende contribuir para a formação de cidadãos participativos e críticos da sua sociedade.

O Mais Educação viabiliza, em parceria com estados e municípios, atividades formativas no contraturno escolar. Envolve, entre outros objetivos, promover diálogo entre os conteúdos escolares e os saberes locais; favorecer a convivência entre professores, alunos e suas comunidades; e convergir políticas e programas de saúde, cultura, esporte, direitos humanos, educação ambiental, divulgação científica, enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes, integração entre escola e comunidade, para o desenvolvimento do projeto político-pedagógico de educação integral³.

Dos dez macrocampos⁴ do Programa Mais Educação do MEC, nossa pesquisa voltou-se para o macrocampo Comunicação e Uso de Mídias, que oferece oficinas de jornal e rádio escolar, vídeo, história em quadrinhos e fotografia⁵. A metodologia de trabalho usada é a Educomunicação e o objetivo é contribuir para a formação de cidadãos críticos, capazes de fazer uma leitura crítica da mídia a partir da produção autêntica de comunicação. Nossa pesquisa⁶ procurou responder como as oficinas desse macrocampo trabalham⁷ a leitura crítica da mídia com os seus estudantes em Pelotas (RS).

1. BRASIL, 2009, p. 10.

2. O Programa foi instituído pela Portaria Normativa Interministerial nº 17 de 24 de abril de 2007 e pelo Decreto nº 7.083 de 27 de janeiro de 2010.

3. BRASIL, 2010, Art. 3º.

4. São eles: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

5. Os dados do Programa apresentados neste artigo são referentes ao período de realização da pesquisa (2013). Hoje, por exemplo, o macrocampo pesquisado se chama Comunicação, Uso de Mídias e Cultura Digital e Tecnológica e oferece, além das oficinas já mencionadas: Ambiente de Redes Sociais, Robótica Educacional e Tecnologias Educacionais.

6. A pesquisa foi desenvolvida como requisito à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, pela Universidade Federal de Pelotas, em 2014.

7. No sentido de como o interpretam, como o relacionam com a produção midiática, como o tensionam com os produtos a que têm acesso. Enfim, como operacionalizam o conceito de leitura crítica no processo midiático.

O objetivo geral do trabalho foi identificar os processos de leitura crítica da comunicação nas oficinas, a fim de (1) entender como as oficinas trabalham com o conceito de comunicação; (2) comparar as pretensões do programa com as ações práticas das escolas; (3) traçar um mapa das relações entre os atores envolvidos nas atividades, a partir da perspectiva metodológica; (4) entender como a leitura crítica é trabalhada com os estudantes, e (5) apontar potenciais críticos presentes nas atividades da escola pesquisada.

2. TEORIAS MOBILIZADAS

As experiências com leitura crítica da comunicação surgem a partir da crescente presença dos meios de comunicação de massa na cultura. A solução encontrada pelos intelectuais foi a de pensar na educação para a comunicação, com o desenvolvimento de estratégias de estímulo à tomada de consciência crítica, a partir de debates que colocavam em evidência as contradições do sistema de comunicação. Na construção do conceito de leitura crítica, a educação ficou numa posição hegemônica.

O conceito de Educomunicação⁸ tem sua origem nas práticas de estímulo à leitura crítica da mídia. Para Gottlieb⁹, o surgimento da proposta foi uma decorrência natural do movimento de leitura crítica e resultou de um esforço teórico e metodológico dos pesquisadores em caminhar na direção da educação. Nessa perspectiva, a Educomunicação é introduzida no contexto escolar por intermédio do macrocampo Comunicação e Uso de Mídias para auxiliar na formação de sujeitos autônomos e críticos, levando tecnologia à sala de aula e aproximando a escola da realidade dos alunos.

Enfatiza-se, assim, a relação entre educação e comunicação, tendo como cerne dessa interface a perspectiva crítica e a relação entre produção e consumo midiático. Porém, no contexto de uma sociedade em midiatização, é preciso ampliar a perspectiva, para ir além das relações diretas entre a produção e a recepção, dando conta, assim, de observar a circulação de sentidos e os dispositivos envolvidos nesse processo. Para isso, mobilizamos o conceito de Sistema de Interação Social de Braga¹⁰.

Braga recoloca o tema da relação entre sociedade e mídia no âmbito da circulação, ultrapassando o binômio produção-recepção. Ou seja, para ele, haveria um terceiro sistema, de interação social sobre a mídia. Trata-se de um espaço onde produtores e receptores se encontram no fluxo de circulação midiática, e seus papéis não ficam definidos dentro dos circuitos que se formam. Essa circulação é diferida e difusa, no sentido de ser diferente dos processos de circulação de bens (fornecimento e recebimento) e de circulação midiática (visibilidade). É um valor simbólico que diz respeito à circulação que vem após a recepção dos produtos, reinseridas nos mais diversos contextos de fala.

Nessa proposta, a sociedade mobiliza dispositivos interacionais (um livro, uma coluna de jornal, uma postagem no Facebook etc.), que são lugares sociais

8. "Educomunicação" é um termo cunhado nas pesquisas realizadas pela Escola de Comunicação e Artes da USP. Entende ser um novo campo, interdisciplinar, que define o conjunto de ações que têm a comunicação como eixo transversal. À leitura crítica e à produção midiática, segundo Soares (2011), soma-se o conceito de gestão da comunicação nos espaços educativos.

9. GOTTLIEB, L. Da leitura crítica dos meios de comunicação à Educomunicação. In: *Trama Interdisciplinar*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 97-113.

10. BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia*. São Paulo: Paulus, 2006.

de fala, onde os consumidores de mídia se veem implicados com suas concepções de mundo, procurando fazê-las incidir sobre o que é elaborado nos produtos midiáticos. Segundo Braga, os dispositivos interacionais são “formas socialmente geradas e tornadas culturalmente disponíveis como matrizes para a realização de falas específicas”¹¹. Nesse sentido, o sistema de interação social sobre a mídia é potencialmente, mas não necessariamente, crítico, porque nem sempre essas falas sobre a mídia tensionam processos e produtos midiáticos, que gerariam dinâmicas de mudança ou exerceriam um trabalho analítico-interpretativo, produzindo esclarecimento e percepção ampliada.

A leitura crítica da mídia, assim, se desenvolve como processo por meio de dispositivos interacionais. No caso estudado, esse dispositivo são as oficinas do macrocampo Comunicação e Uso de Mídias do Mais Educação, porque se constituem como matrizes para as falas sobre a mídia. Nesse sentido, referenciando Braga¹², fazemos um desenho de como oficinas do macrocampo Comunicação e Uso de Mídias conseguem trabalhar com a mídia — especificamente, no caso analisado — verificando o seu “grau de pertinência e de eficácia”.

3. METODOLOGIA

O procedimento metodológico cartográfico se apresenta como alternativa para a pesquisa em comunicação, pois considera o movimento e o contexto em que se encontra o objeto, podendo, dessa forma, entender a complexidade do campo comunicacional, levando em consideração que

La comunicación, como quiera que la definamos, implica sistemas e y prácticas socioculturales, cognoscitivas, económicas u políticas, y dimensiones psicológicas, biológicas y físicas de las que necesariamente participamos. La construcción de objetos de conocimiento sobre ella no puede ignorar que como sujetos estamos implicados em esos objetos¹³.

Essa perspectiva esteve presente durante todo o processo, desde a definição dos conceitos utilizados e dos objetos estudados até a atenção às relações de poder e sentido que atravessam o andamento das oficinas.

Concomitantemente, utilizamos entrevistas abertas e semiestruturadas, realizadas com os coordenadores dos programas nas escolas, osicineiros de Comunicação e Uso de Mídias e os participantes das atividades¹⁴.

A pesquisa voltou-se, inicialmente, para 15 escolas públicas¹⁵, municipais e estaduais, da cidade de Pelotas que aderiram ao macrocampo em questão no ciclo de 2013 do Mais Educação. Destas, escolhemos uma para compor o caso a ser estudado e entrevistamos a oficineira responsável por conduzir as atividades de Jornal Escolar, para conhecer as metodologias e os temas de trabalho, relação com os estudantes e com a coordenação etc.

Por fim, fizemos um acompanhamento das oficinas na escola. Nessa fase, iniciamos a relação com os participantes do programa a fim de entender suas visões sobre o Mais Educação, a comunicação, a escola, o seu cotidiano e produzir

11. Idem.

12. Quando diz que um aspecto importante a ser estudado é o desenho de como uma sociedade consegue trabalhar com sua mídia.

13. NAVARRO apud AGUIAR, 2010, p. 5.

14. Os procedimentos adotados estão detalhados no trabalho de pesquisa, que pode ser requerido aos autores.

15. Os dados obtidos pelas entrevistas nas 15 escolas foram aqui resumidos para que pudéssemos focar no acompanhamento das oficinas, realizado na escola Dr. Augusto Simões Lopes Neto. Para mais informações sobre a pesquisa completa, contatar os autores.

um mapa das relações estabelecidas. Também buscamos apontar características do envolvimento dos participantes com a oficina, com os temas abordados e com a leitura da mídia, crítica ou não.

4. A PESQUISA

Ao fazermos o contato para a pesquisa, das 15 escolas, duas disseram já ter encerrado suas atividades. Sete não estavam com as atividades em andamento. Seis escolas tinham as oficinas na época da realização da pesquisa: três com a atividade de Jornal Escolar, duas com Vídeo e uma com História em Quadrinhos. A ideia era retornar nas escolas que estavam desenvolvendo as atividades para entrevistaricineiros e estudantes, mas em algumas houve dificuldade no contato com a coordenação do programa. Das que tinham a atividade em andamento, em apenas três concluímos a etapa de entrevistas com osicineiros.

A primeira desenvolvia a atividade com vídeo. A escola já tinha experiência com essa mídia, a partir de um projeto com a turma de oitavo ano. Oicineiro era morador da comunidade e ex-aluno da escola. A coordenadora ressaltou que os professores curriculares oferecem alguma resistência ao Mais Educação, argumentando que oicineiro não tem formação e que, por isso, não deveria estar na escola. O objetivo da oficina era a produção de um vídeo com o tema “Como é a nossa escola”. Nas entrevistas com coordenação eicineiro, nenhum aspecto da comunicação foi abordado.

A segunda escola também desenvolvia atividade com vídeo, porém, de uma forma diferente da proposta do programa. Segundoicineiro e coordenação, os participantes assistiam a um filme e depois desenhavam ou escreviam a respeito. Também houve hesitação nas respostas às perguntas relacionadas à comunicação.

Finalmente, devido à proximidade com a proposta do programa e a disponibilidade em cooperar com a pesquisa, escolhemos para as observações a Escola Estadual de Ensino Politécnico Dr. Augusto Simões Lopes¹⁶, que desenvolvia a atividade de Jornal Escolar. Aicineira é jornalista e estava produzindo um jornal da escola e da comunidade. A ideia era publicar em papel e distribuir no bairro. As notícias estavam sendo produzidas por sete estudantes nas oficinas. Acompanhamos cinco encontros, que ocorriam após o horário de aula, não no turno inverso.

O jornal produzido começou a ser discutido no final de setembro de 2014. Antes disso, foram abordados os seguintes temas: estrutura do jornal, editorial, crônica e reportagem, a partir de discussões sobre três jornais¹⁷. As atividades iniciais foram planejadas pelaicineira com base em cinco livros¹⁸ sobre a relação entre jornal e escola. As pautas do jornal foram definidas pelos participantes de acordo com a preferência de cada um, pois isso facilitava a produção do texto, segundo aicineira.

16. A escola tem 715 estudantes entre os três turnos. Trinta estão inscritos no Mais Educação e a média de participação é baixa.

17. Zero Hora (POA), Diário Popular e Diário da Manhã (Pelotas).

18. Os livros são: ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007; ANTUNES, I. *Aula de Português encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003; FARIA, M. A. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2011; LAGE, N. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 2004, e LAGE, N. *A reportagem: teoria e técnicas de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Como pontos negativos, aicineira — concordando com a coordenação — destacou a falta de participação dos estudantes. Além disso, ressaltou a descontinuidade das atividades devido às ausências dos alunos ou à falta de disposição deles. Às vezes, aicineira precisou mudar seu planejamento para realizar a oficina.

Um aspecto ressaltado foi a falta de contato dos participantes com o jornal impresso e o crescente acesso às informações por jornais no Facebook.

A partir da observação dos cinco encontros, percebemos que a reportagem é o gênero jornalístico base da construção do jornal da escola. Isso porque uma série de atravessamentos impediu que as atividades tivessem continuação. Logo, as seis matérias produzidas não poderiam ser pautas quentes, uma vez que o jornal começou a ser produzido em setembro e foi lançado no final de novembro. Dessas, apenas uma matéria foi factual.

A apuração foi feita basicamente com pesquisa na internet. Uma das matérias tinha uma entrevista com a coordenadora pedagógica da escola. Durante as atividades, aicineira chamou a atenção repetidas vezes para a credibilidade das informações encontradas na web e também para o uso indevido de imagens. Quanto à pesquisa, também foi ressaltado que deveria ser um recurso para a construção do texto.

Da entrevista para uma das matérias, surgiram mais três pautas para a segunda edição. Além de levar uma informação exclusiva para o jornal, puderam ser trabalhados outros aspectos da relação com a fonte, como a elaboração das perguntas (feita de maneira coletiva) e a forma de abordagem ao entrevistado.

Esses três aspectos do Jornalismo — reportagem, apuração e entrevista — foram, sem dúvida, os mais presentes nas oficinas, por meio dos quais outras questões puderam ser levantadas, como a credibilidade das informações, o uso de imagem e até mesmo a produção de fotografias, sempre estimulada. A abordagem desses temas não foi planejada, mas esteve nas atividades implicadas no fazer. Entendemos que essa é uma metodologia eficiente, pois valoriza a prática, tornando-se mais interessante para os estudantes. A ideia da oficina é mesmo essa.

Durante as atividades, os participantes tiveram a ideia de criar uma página do jornal no Facebook e passaram a alimentá-la com textos produzidos para a publicação impressa e com conteúdos exclusivos. Não houve atenção para a diferença entre a linguagem dos textos de web e impresso, mas, sim, para os recursos que podem ser empregados. Na web, os estudantes puderam trabalhar com *hiperlinks*, redirecionando seus textos para outros locais.

Notamos que a narrativa estimulada nas oficinas não foi reprodução das narrativas dos meios de comunicação de massa, pois teve cuidado com o lugar de fala dos participantes, sua comunidade e suas preferências culturais. O jornal foi produzido com narrativas construídas para os estudantes que o fazem e para seus pares. Não há preocupação com notícias factuais e a direção da escola não opina nas pautas, pois elas são decididas e apuradas durante a oficina. Há, portanto, um estímulo à liberdade de pensamento e, a partir disso, à

abordagem de questões que interessam aos jovens e aos adolescentes da escola. Com isso puderam ser estimulados potenciais de crítica e de singularização, associados aos processos de leitura crítica da comunicação.

O objetivo da oficina não foi o de fazer “leitura crítica” nem o de estimular a crítica de mídia. A experiência observada parece tratar da possibilidade de uma produção de mídia feita pelos estudantes, como forma de estimular competências para crítica de situações concretas voltadas, principalmente, para o contexto do próprio ambiente escolar. A descoberta desse potencial de uso da comunicação midiática, além de seu valor próprio de formação de cidadãos que assumem seu papel social, pode ser, indiretamente, um estímulo para interpretações críticas sobre a mídia — não induzidas, mas descobertas pelos próprios estudantes.

Em uma das oficinas houve um debate sobre as roupas que poderiam ser usadas pelas meninas na escola. Ele começou estimulado pela entrevista feita com a coordenadora pedagógica. A entrevistadora disse que queria ter perguntado outras coisas como o porquê de existir uma regra que proíbe as meninas de usarem *shorts* e bermudas. Para o grupo, o motivo era para que os meninos não cometessem assédio. Mas uma das meninas argumentou que, mesmo usando calça, essas situações se repetiam. A partir dessa conversa, aicineira sugeriu que pesquiassem sobre feminismo e fizessem uma nova entrevista com a coordenadora sobre o tema. Uma nova pauta surgia.

A crítica presente nesse fato não é da mídia, mas é relevante e pertinente. Ela também consolida a perspectiva da criticidade em relação ao que é lugar-comum no mundo contemporâneo, e que o Mais Educação como um todo busca realizar. A partir da produção de um jornal, essa questão foi levantada. A oficina mostrou-se, portanto, um dispositivo interacional potencialmente crítico da mídia. E é também espaço para singularização e para resistência à opressão presente na sociedade.

Os processos percebidos nas oficinas são potenciais de crítica de mídia, enquanto expressão aberta, abrangente de uma grande variedade de motivações, processos e finalidades. A possibilidade de pensar acerca da sua realidade para explicá-la e publicizá-la por meio do uso da mídia fez com que os adolescentes refletissem acerca dos temas sobre os quais falavam. Assim, a crítica de mídia — mais do que uma leitura crítica — é um potencial do programa Mais Educação, no momento em que a produção técnica estimula a pensar, relacionar fatos e problematizar discursos, assim como dá a possibilidade aos participantes de usarem suas próprias vozes para expressar seus pensamentos. A leitura crítica não pode ser ensinada em processo transmissivo. Trata-se de um flutuar de sentidos que, pouco a pouco, se relacionam no pensar dos participantes. E cada um tem um tempo próprio para fazer esse movimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas, quando conduzidas de modo a valorizar a expressão, a cultura local, a preferência dos participantes e seu protagonismo, podem suscitar questões pertinentes à crítica, inclusive, à mídia. As questões estruturais do programa atrapalham a instauração desses processos nas escolas. Osicineiros precisam olhar criticamente a mídia para trabalhar esse aspecto com os participantes. As escolas precisam de espaço para o desenvolvimento das atividades. A comunidade escolar deve abraçar o Mais Educação e considerar um programa com tais objetivos como espaço de desenvolvimento da expressão e da sensibilidade de seus estudantes — além de uma ocupação para os jovens, o Mais Educação pode ser um lugar de aprendizagem e qualificação da cidadania. Mas é preciso que as escolas superem a acomodação, que a crítica seja estimulada e que o Programa e as escolas conciliem objetivos e diretrizes do Mais Educação e as ações que se podem realizar.

Os potenciais percebidos nas oficinas da escola Dr. Augusto Simões Lopes envolvem temas que estão na mídia, e esse já é um processo de singularização. Nesse sentido, no macrocampo Comunicação e Uso de Mídias, parece ser possível — e quizá necessário — deslocar o foco de abordagem estrita de leitura crítica, focada na recepção, para o estudo dos sistemas de interação social e da circulação dos dispositivos e dos sentidos, naquilo que Braga define como o que a sociedade faz com a sua mídia e como ela a enfrenta criticamente na circulação, dentro da perspectiva de que essa sociedade se encontra em processo de mediatização.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lisiane Machado. **As potencialidades do pensamento geográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual.** In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 3 a 6 de setembro de 2010. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1897-1.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2016.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática.** São Paulo: Paulus, 2006.

BRASIL. **Comunicação e Uso de Mídias.** Série Cadernos Pedagógicos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação. Brasília. Disponível em: <<https://docs.google.com/folderview?usp=sharing&id=0B3qzwUftmEY0alUxM3VvTHBSeWc>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

GOTTLIEB, Liana. Da leitura crítica dos meios de comunicação à Educomunicação. In: **Revista Trama Interdisciplinar: revista do PPG**

Interdisciplinar em Educação, Arte e História da Cultura do Instituto Presbiteriano Mackenzie. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 97-113. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/download/3115/2618>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Mitos e Cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios da prática investigativa**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. Parte III, p. 195-220.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011. 102 p.